



Literatura 08: Literatura de Cordel

A literatura de cordel surgiu na metade do século 19, no Nordeste, para relatar ao sertanejo iletrado os mitos da cultura local e de fora, de forma épica, cantante e fácil de decorar por quem não sabia ler. Os poemas eram publicados em folhetos e, normalmente, ilustrados com xilogravura. Os cordelistas recitavam esses versos de forma melodiosa e cadenciada, acompanhados de viola, como também faziam leituras ou declamações muito empolgadas e animadas para conquistar os possíveis compradores.

Abaixo encontramos a letra de uma música que descreve na prática o que é a literatura de cordel.

Literatura de Cordel
É poesia popular,
É história contada em versos
Em estrofes a rimar,
Escrita em papel comum
Feita pra ler ou cantar.

A capa é em xilogravura,
Trabalho de artesanato,
Que esculpe em madeira
Um desenho com ponção
Preparando a matriz
Pra fazer reprodução.

Mas pode ser um desenho,
Uma foto, uma pintura,
Cujo título, bem à mostra,
Resume a escritura.
É uma bela tradição,
Que exprime nossa cultura.

Os folhetos de cordel
Nas feiras eram vendidos
Pendurados num cordão
Falando do acontecido,
De amor, luta e mistério,
De fé e do desassistido.

A minha literatura
De cordel é
reflexão
Sobre a questão
social
E orienta o
cidadão
A valorizar a
cultura
E também a
educação.

Mas trata de outros temas:
Da luta do bem contra o mal,
Da crença do nosso povo,
Do hilário, coisa e tal
E você acha nas bancas
Por apenas um real.

O cordel é uma expressão
Da autêntica poesia
Do povo da minha terra
Que luta pra que um dia
Acabem a fome e a miséria,
Haja paz e harmonia.



Literatura de Cordel
Francisco Diniz

Causos e Personagens do Interior (Poema de Cordel)

Autor: Abdias Campos

Foi numa briga em família
Por causa de uma partilha
De terra à beira de um rio
Que Afrísio, o maioral
Foi parar no tribunal
E em volta do corrupio

O juiz se atrapalhou
E disse: você botou
No rio seu próprio teto?
E ele lhe respondeu
Eu vou dizer ao senhor:
Pergunta de analfabeto

“Eu lhe meto na cadeia
Sujeito cabra da peia
Você está sob escolta”
E de cabeça erguida
Com uma voz espremida
Disse pro juiz: Mas solta

Tem um outro no Sertão
Que mesmo com precisão
Não dá o braço a torcer
Gosta é de contar vantagem
Modificando a imagem
Do que aparenta ter

Outro dia em sua casa
Com o fogo ainda em brasa
Após ter feito o almoço
Chegaram de supetão
Três amigos no oitão
E foi aquele alvoroço

Mandou os cabra apear
E pela cozinha entrar
Se sentar e se servir
Foi comida a vontade
Mesmo assim pela metade
Ele começou pedir:
Maria traz mais feijão!
De lá de dentro: “tem não!
Uma carinha? Acabou!
Um arrozinho? Não tem
Suspirou e disse: amém
Eu comi feito um doutor!

São histórias de valor
Desse almanaque folclórico
Dia a dia de um povo
Que deixa o legado histórico
A natureza matuta.

De um jeito categórico.
Chico de Dedez, eufórico
Recém-casado, pegou
Uma toalha limpinha
Tomou banho, se enxugou
Ao invés de estendê-la
Num canto qualquer jogou.

A esposa perguntou
Com aquele jeitinho manso
Por que num botou no sol?
Ele disse: Não alcanço!
Perguntas e respostas ditas
Sem existência de ranço.

01. Quais são os causos que esse cordel apresenta?
02. A partir da leitura é possível deduzir quais os temas, geralmente tratados no cordel?
03. No texto lido, temos todos os elementos da narrativa. Em cada causo, identifique: A) O narrador, B) As personagens, C) O espaço, D) O tempo.
04. Identifique e transcreva a definição de causo dada, em forma de versos, pelo autor do cordel.
05. No trecho: “Eu lhe meto na cadeia” quem disse essas palavras, e a quem se refere o pronome sublinhado?